

## **ENSINO DA GEOGRAFIA VIVENCIADO EM TRILHA URBANA – MORRO CEHELLA, SANTA MARIA (RS)**

**Rafael Silveira da Silva**

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Mestrando em Geografia

rafael\_ss\_rs@hotmail.com

**Elsbeth Léia Spode Becker**

Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

Professora Adjunta

elsbeth.geo@gmail.com

### **Resumo**

Desencadear os processos de compreensão do mundo, considerando o espaço produzido pelo homem ao longo de suas vidas é oportunizar aos alunos a capacidade de se entenderem sujeitos da sua história. Nesse trabalho, tem-se o objetivo de desenvolver a prática de trilhas como recurso de aprendizagem do lugar e paisagem e de percepção ambiental para exercitar a responsabilidade socioambiental. As ideias centrais que orientaram a pesquisa consistiram de bibliografias específicas, especialmente, conceitual de lugar e de paisagem e ensino de Geografia. O método qualitativo assegurou a comunicação dos pesquisadores em campo como parte explícita da produção do conhecimento. Vivenciou-se a experiência na trilha do Morro Cechella e, a partir dessa vivência, foi descrita a geografia do morro e a percepção do lugar, contribuindo na construção do conhecimento para os acadêmicos do curso de Geografia, bem como para a comunidade local.

**Palavras-chave:** Morro Cechella (Santa Maria/RS). Paisagem. Lugar. Percepção Ambiental.

## **GEOGRAPHY TEACHING EXPERIENCED IN URBAN TRAIL – MORRO CEHELLA, SANTA MARIA (RS)**

### **Abstract**

When the process of understand the world is triggered considering the space produced by man throughout their lives, an opportunity for students understand themselves as subjects of their history is created. In this paper, the objective is to develop the practice of trails as a learning resource of the place and landscape and environmental perception to exercise environmental responsibility. The central ideas that guided the research consisted of specific bibliographies, especially conceptual place and landscape and geography teaching. The qualitative method ensured communication of researchers in the field as an explicit part of knowledge production. The experience on the trail of Morro Cechella was lived, and from this experience, we described the geography of the hill and the perception of place, contributing to the construction of knowledge for students of geography, as well as for the local community.

**Keywords:** Morro Cechella (Santa Maria / RS). Landscape. Place. Environmental Perception.

## **Introdução**

Nas últimas décadas, o debate em torno de conceitos geográficos e o cotidiano é tema presente nos principais encontros e conferências no ensino de Geografia, no Brasil e no mundo, pois esses aspectos colocam em questão: Como trabalhar conceitos partindo da realidade expressa no espaço geográfico que possam ser perceptíveis a educadores e alunos?

Desta maneira, o desenvolvimento de trilhas, pode significar um recurso de aprendizagem de conceitos geográficos, como, lugar e paisagem. O conhecimento de trilhas, partindo de aspectos do lugar e da paisagem sobre o espaço, além de ser um objeto ainda pouco pesquisado no contexto da Geografia, também poderá proporcionar uma caminhada para a conscientização das questões ambientais, sejam elas locais ou mundiais.

A presente pesquisa, desenvolvida no segundo semestre de 2010, propiciado diante do trabalho de monitoria da disciplina de Geografia Ambiental, do curso de Geografia, do Centro Universitário Franciscano, UNIFRA, na cidade de Santa Maria – RS, objetiva expor a prática de trilhas como recurso de aprendizagem do lugar, da paisagem e de percepção ambiental para exercitar a responsabilidade socioambiental. Assim, apresenta-se uma alternativa para novas discussões em torno da perspectiva de trilha, em um viés geográfico, que visa desenvolver a percepção do lugar e da paisagem. Parte-se da problemática local vivenciada pelos alunos, e, desta maneira, busca-se criar alternativas e práticas que contribuam para novas possibilidades e metodologias na aprendizagem de conceitos em Geografia, como por exemplo: lugar e paisagem.

## **Referencial Teórico: Trilhando o lugar no ensino da Geografia**

Entende-se o lugar como a porção do espaço adequada para a vida, com a qual o indivíduo estabelece identidade, é o espaço no qual ele se identifica mais diretamente. Segundo Callai (2005, p. 236):

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. (...) nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. (...) Ao mesmo tempo em que ele é palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidade.

O estudo com a dimensão espacial do lugar nos oferece inúmeras possibilidades de estabelecer objetos de aprendizagem bastante acessíveis tanto para a realização efetiva da

dinâmica didática, como para o entendimento dos conceitos que darão suporte à compreensão dos mecanismos envolvidos na construção do lugar.

O conceito de lugar, no contexto do ensino, Callai (2000, p. 84 e 85), destaca a importância do estudo do lugar nas aulas de Geografia:

Compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro. Pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado independente. (...) Estudar o lugar, portanto, passa a ser um desafio constante para as nossas aulas de Geografia (CALLAI, 2000, p.84 e 85).

Nesse sentido, acredita-se que trabalhar com a relação entre a realidade concreta do lugar e o imaginário do aluno, no estudo do espaço geográfico, facilita a interlocução com ele e faz o mesmo compreender a diferenciação entre os lugares. O conhecimento do lugar, imbuído de significados culturais e naturais, leva o expectador (o aluno) a valorizar os fatores culturais da vida cotidiana, permitindo compreender ao mesmo tempo a singularidade e a pluralidade do “seu lugar” e dos diferentes lugares no mundo. Este é, seguramente, o papel da Geografia, que deve entrar na integração das disciplinas que se dedicam à construção coletiva do debate ambiental nas escolas.

### **Trilhando o conceito de paisagem no ensino da Geografia**

A observação e a interpretação da paisagem fazem parte da essência do saber da Geografia. Olhar e pensar sobre o que está presente em cada rua de sua cidade, em cada campo plantado, em cada montanha ou floresta podem ajudar a compreender como natureza e a sociedade se combinam e se relacionam para moldar as diferentes formas que existem na superfície da Terra.

Para a ciência geográfica, a paisagem deve ser entendida como indicadora de conteúdo vivo e de processos dinâmicos, isto é, em constante transformação. A interpretação da paisagem para a Geografia é a busca da explicação científica de como as formas que observamos são o resultado visível da combinação de processos físicos, biológicos e humanos.

Percebida por intermédio de uma visão científica, a paisagem ganha uma abordagem com características próprias de um método de pesquisa. Assim, o estudo da paisagem se constitui num dos mais antigos métodos de estudo pertencentes à Geografia.

Nesse sentido, Castrogiovanni (2000, p. 110 e 111) conceitua a paisagem como sendo

(...) tudo aquilo que se vê, que a nossa visão alcança, e a nossa visão depende da localização em que se está. Daí decorre que ela pode ser observada de escalas diferentes e que se apreende o que ela expressa de formas diferenciadas, dependendo da perspectiva do olhar. (...) É preciso entender que a paisagem não se cria por acaso, mas que é resultado da vida dos homens, dos processos de produção, dos movimentos da natureza (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 110 e 111).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's de 1998, já apontam as mudanças vividas pela Geografia, principalmente ao levantar a importância do diálogo entre as diferentes correntes do pensamento geográfico, em detrimento da reformulação dos conceitos geográficos, a saber, o espaço, a região, a paisagem, o território, o lugar, ligados aos conceitos de sociedade e natureza, priorizando as relações construídas a partir do espaço vivido. Assim surgem orientações em que:

Torna-se importante que os alunos possam perceber-se como atores na construção de paisagens e lugares; que possam compreender que essas paisagens e lugares resultam de múltiplas interações entre o trabalho social e a natureza, e que estão plenos de significados simbólicos decorrentes da afetividade nascida neles. (BRASIL, 1998, p. 61).

### **Trilhando o conceito de Educação Ambiental no ensino da Geografia**

Frente a essas discussões no campo conceitual, referentes ao lugar e a paisagem, é que se faz necessária uma reflexão acerca da interferência do homem sobre o espaço, a qual se configura na relação do homem com o meio. Reigota (1998, p.21) conceitua meio ambiente como

(...) um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade (REIGOTA, 1998, p. 21).

A reflexão diante do atual contexto ambiental remete para uma nova ótica de visão de mundo em que o indivíduo está inserido, não apenas na comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. Essa ótica requer também, o debate em torno da evolução do pensamento da humanidade e a abordagem de alguns aspectos do paradigma que dominou a ciência e a sociedade e, de certa forma, direcionou o crescimento econômico e o desenvolvimento tecnológico.

Capra (1982, p. 28) fala sobre o paradigma dominante do mundo ocidental

O paradigma ora em transformação dominou nossa cultura durante muitas

centenas de anos, ao longo dos quais modelou nossa moderna sociedade ocidental e influenciou significativamente o resto do mundo. Esse paradigma compreende um certo número de idéias e valores que diferem nitidamente dos da Idade Média; valores que estiveram associados a várias correntes da cultura ocidental, entre elas a revolução científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial. Incluem a crença de que o método científico é a única abordagem válida do conhecimento; a concepção do universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares; a concepção da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência; e a crença do progresso material ilimitado, a ser alcançado através do crescimento econômico e tecnológico. Nas décadas mais recentes, conclui-se que todas essas idéias e esses valores estão seriamente limitados e necessitam de uma revisão radical (CAPRA, 1982, p. 28).

Essa revisão radical no pensamento, salientada por Capra, é a mesma avaliação de conceitos e comportamentos que alguns segmentos da sociedade, sobretudo os movimentos sociais dos anos 1950 e 1960, questionaram com relação ao modo de vida que a sociedade de consumo incorporou, especialmente, após a Segunda Guerra Mundial. Esses movimentos colocaram em discussão a possibilidade de ter-se uma sociedade mais justa e ecologicamente sustentável.

Uma das maiores conquistas destes movimentos sociais foi colocar na pauta de discussão, em escala global, as questões que envolvem os problemas ambientais e a sustentabilidade do planeta.

Sachs (2002, p. 48) faz um comentário a respeito das principais conferências sobre o meio ambiente nas últimas décadas:

A conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, de 1972, ocorrida em Estocolmo, colocou a dimensão do meio ambiente na agenda internacional. Ela foi precedida pelo encontro de Founex, de 1971, implementada pelos organizadores da Conferência de Estocolmo para discutir, pela primeira vez, as dependências entre o desenvolvimento e o meio ambiente, e foi seguida de uma série de encontros e relatórios internacionais que culminaram, vinte anos depois, com o Encontro da Terra no Rio de Janeiro (SACHS, 2000, p. 48).

As conferências sobre o meio ambiente proporcionaram ao homem o entendimento de que a educação ambiental é fundamental para o desenvolvimento da consciência ecológica, uma vez que, com esse tipo de educação, serão criadas as possibilidades para alcançar a sustentabilidade em nosso planeta.

Nessa perspectiva, o governo brasileiro, através dos PCN's, aborda a questão da seguinte forma:

Todas as recomendações, decisões e tratados internacionais sobre o tema evidenciam a importância atribuída por lideranças de todo o mundo para a

Educação Ambiental, como meio indispensável para conseguir criar e aplicar formas cada vez mais sustentáveis de interação sociedade/natureza e soluções para os problemas ambientais. Evidentemente, a educação sozinha não é suficiente para mudar os rumos do planeta, mas certamente é condição necessária pra isso (BRASIL, 1998, p.181).

Os PCN's sugerem que as escolas abordem temas que envolvam as questões sociais de maior relevância na atualidade. Estas temáticas são denominadas *Temas Transversais* e tem a cidadania como o eixo principal para as práticas sociais.

Formou-se, assim, um conjunto de oito temáticas eleitas como sendo de suma importância para o desenvolvimento social no Brasil. O Ministério da Educação também sugere que os *Temas Transversais* sejam inseridos dentro dos Projetos Pedagógicos nas escolas, de modo que todas as disciplinas devam abordar os assuntos, dentro de suas especificidades.

Isso remete a uma abordagem da problemática ambiental contemporânea, pois a questão está sendo amplamente discutida nos principais encontros e conferências, no Brasil e no mundo. Nesse contexto, o tema paisagem e lugar se inserem na perspectiva de diferenciar aspectos acerca de concepções desses objetos de estudos, em diferentes níveis de escalas: local, regional e global. Os conhecimentos do lugar e da paisagem auxiliam na conscientização das questões ambientais, sejam elas em escalas locais ou mundiais.

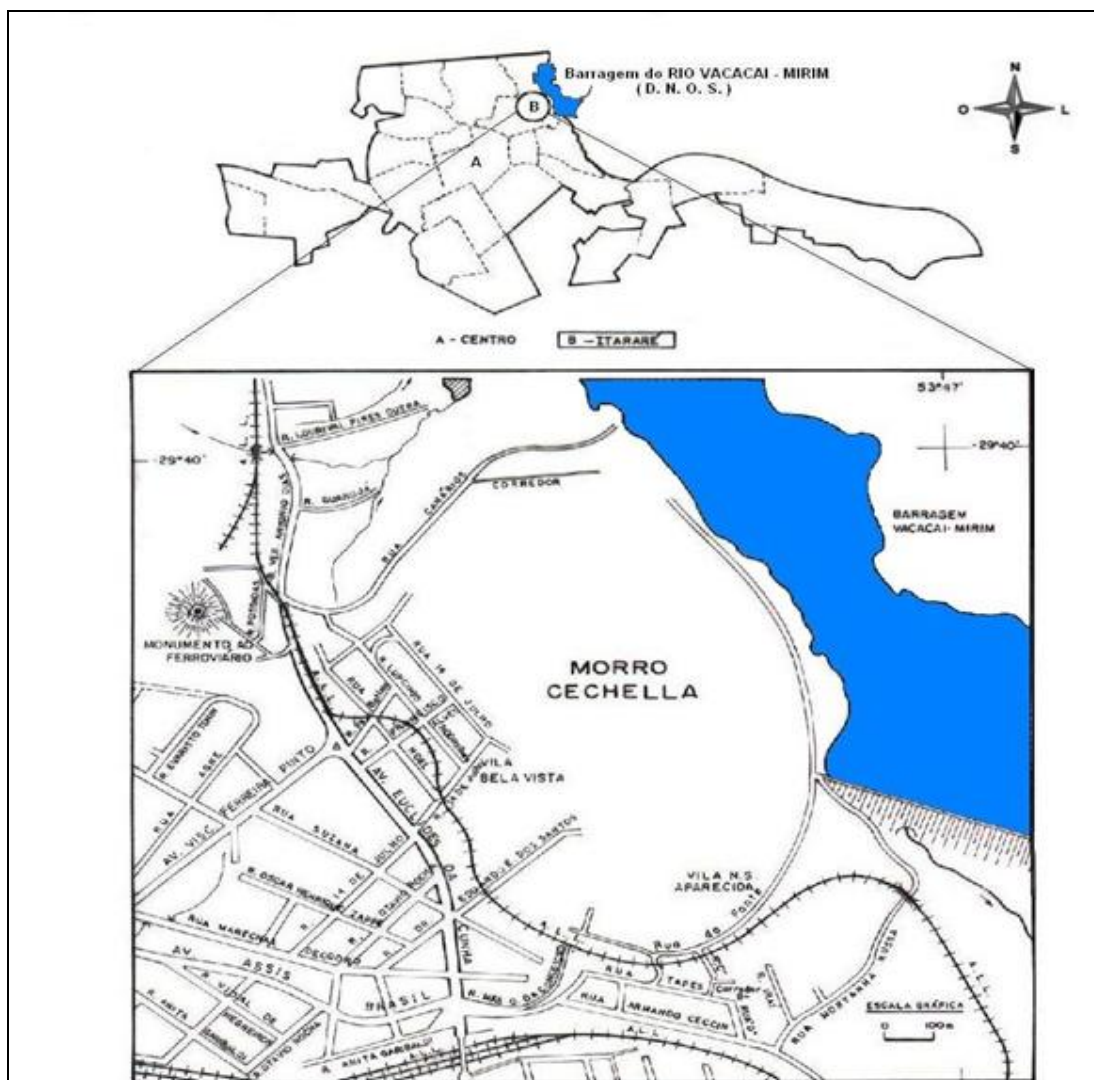
## **Metodologia**

Neste estudo, a metodologia qualitativa, segundo Flick (2009, p.25), considerou a comunicação dos acadêmicos em campo como parte explícita da produção de conhecimento. A partir de leitura específica, teórica e conceitual, sobre lugar, paisagem e Educação Ambiental, foi embasado o contexto de análise realizado na prática da trilha. A experiência na trilha foi efetivada no Morro do Cechella e no Monumento dos Ferroviários, em novembro de 2010, com o envolvimento dos acadêmicos do curso de Geografia. A partir da observação e do levantamento fotográfico foram desenvolvidas as atividades de relatórios e de resenhas sobre a perspectiva teórica e prática no que diz respeito a trilha no contexto do ensino de Geografia.

## **Descrição do Morro Cechella**

O Morro Cechella localiza-se no perímetro urbano do município de Santa Maria (RS), no bairro Itararé (mapa 1), a nordeste da cidade de Santa Maria e abrange uma área de 0,76

Km<sup>2</sup>, entre as coordenadas geográficas 53°47'06" a 53°47'37" de Longitude Oeste e 29°40'35" a 29°39'53" de Latitude Sul, com altitude de 260 metros.



**Mapa 1:** Localização do Morro do Cechella no perímetro urbano do Município de Santa Maria-RS.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Maria

Geomorfologicamente situa-se no Rebordo do Planalto Sul-Riograndense, em uma área de transição entre o Planalto Meridional Brasileiro e a Depressão Periférica. O Morro Cechella, em meio a área sedimentar, é capeado por rochas basálticas granófilas da Formação Serra Geral que atuaram como camadas mantenedoras da topografia original. Possui, em seu topo camadas sub-horizontais de rochas vulcânicas, circundadas, ao sul, por solos coluvionares do arenito Botucatu e, a noroeste, por solos residuais dos arenitos e dos lutitos da Formação Caturrita.

O morro testemunho Cechella é definido por Pereira et al (1989, p.50) como engastado, um vez que encontra-se “incrustado no alinhamento geral da frente do Planalto e

ainda incorporado a área”. Apresenta topo plano associado à presença de camadas subhorizontais de rocha vulcânica.

O substrato rochoso desta unidade é composto por rochas vulcânicas da Formação Serra Geral, por arenitos silicificados, que por vezes ocorre como *intertrap*, representando a Formação Botucatu, e por arenitos fluviais, pertencentes à Formação Caturrita. Ocorrem associadas aos arenitos silicificados e as rochas vulcânicas, escarpadas abruptas que culminam em morros com topos preferencialmente convexos.

Com relação ao substrato geológico, o Morro Cechella é formado por arenitos eólicos da Formação Botucatu e arenitos fluviais da Formação Caturrita, na base, e rochas vulcânicas da Formação Serra Geral, no topo. O arenito Botucatu representa sequências eólicas e a Formação Caturrita apresenta-se com fácies arenosas de origem fluvial. Conforme Maciel Filho (1990), o arenito Botucatu possui comportamento geotécnico que varia desde rocha dura e muito abrasiva, em locais próximos do topo e junto à escarpas, até arenito brando e areia com pouca coesão, quando alterado. Nas partes litificadas, possui alta resistência à erosão, porém essa resistência é baixa nas partes alteradas e de solo residual. Os arenitos da Formação Caturrita apresentam resistência à erosão, normalmente, baixa, principalmente quando o solo superficial é retirado, provocando o avanço rápido da erosão com a formação de sulcos no terreno.

Os problemas geotécnicos estão associados, principalmente, à possibilidade de escorregamento e de queda de blocos de rochas. No Morro Cechella, as vertentes íngremes apresentam rochas expostas, onde a ação da água nas fraturas das rochas pode desencadear tombamentos e quedas de blocos. Já nas porções mais baixas da vertente ocorrem depósitos de colúvio e depósitos de rejeito sujeitos à escorregamentos.

A vegetação original apresenta arbustos como Laranjeira-do-mato (*Actinostemon concolor*), Cincho (*Sorocea bonplandii*), Urtigão (*Ureca baccifera*) e árvores altas, a exemplo do Umbu (*Phytolacca dióica*), Mamica-de-caedela (*Fagara sp*), Cedro (*Cedrella fissilis*) Cangerana (*Cabralea glaberrima*), Louro (*Cordia trichotoma*) Cabriúva (*Myrocarpus frondosus*), Angico (*Parapiptadenia rígida*), Grápia (*Apuleia leiocarpa*), Timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*), Açoita-cavalo (*Luehea divaricata*) e Canela (*Ocotea spp* e *Nectandra spp*).

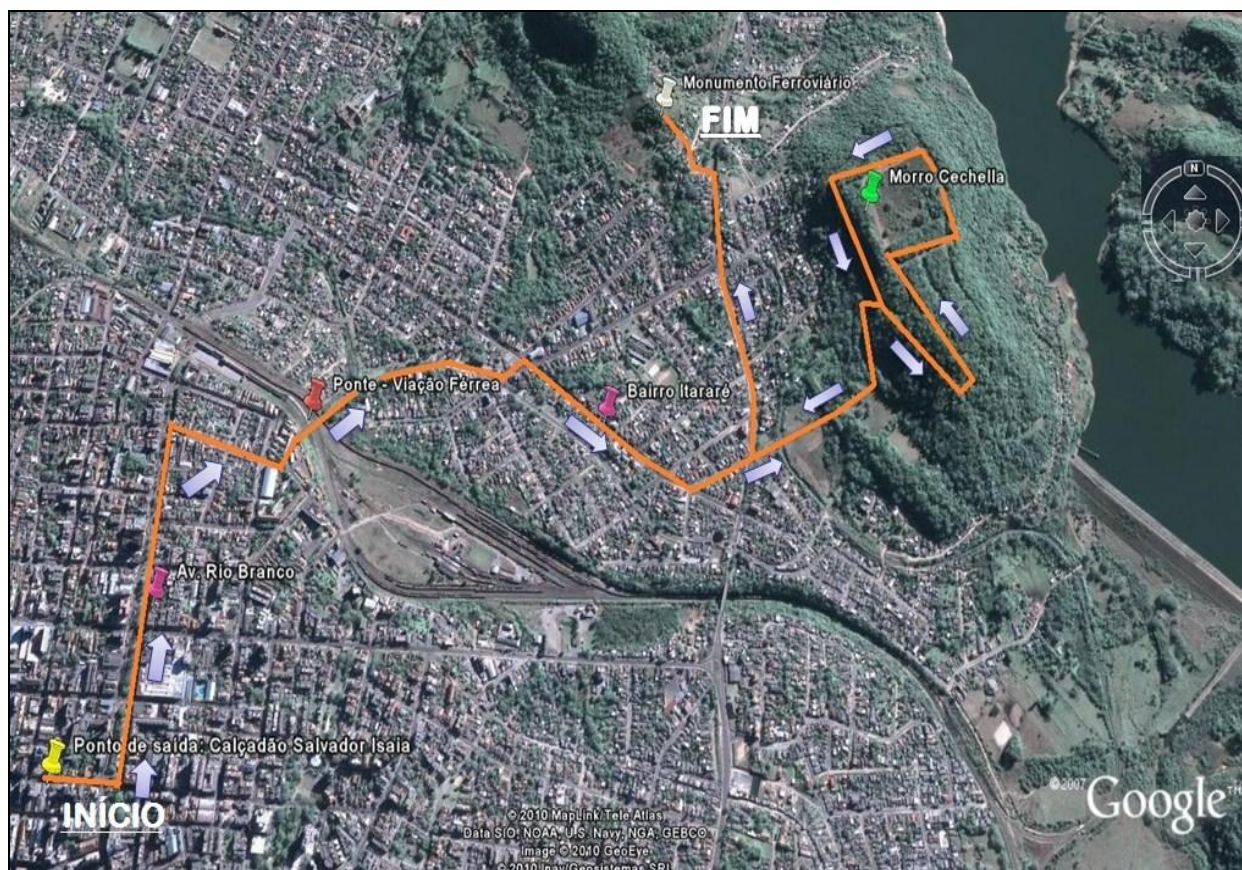
O clima do município de Santa Maria é classificado como Subtropical Úmido, segundo Köppen (1984), com características do tipo CFA, que significa: C= temperatura média do mês mais frio fica entre -3<sup>0</sup>C e 18<sup>0</sup>C e a do mês mais quente é superior a 10<sup>0</sup>C; F=



nenhuma estação seca e úmido o ano inteiro; A= verão quente, com temperaturas médias de 22<sup>o</sup>C. As precipitações são regulares durante todo o ano, com índices anuais de 1500mm a 1700mm. Os meses menos chuvosos são março, novembro e dezembro.

Segundo Klein (1983) as espécies vegetais pertencem à Floresta Estacional Decídua que condicionam-se ao clima caracterizado por duas estações, uma chuvosa e outra mais seca ou à acentuada variação térmica. O clima determina uma estacionalidade foliar dos elementos arbóreos existentes no morro, sendo que a paisagem apresenta variação visual durante as estações do ano.

A trilha até o morro oferece um percurso que inicia na área urbana da cidade de Santa Maria, a partir do Calçadão (centro) e algumas ruas do bairro Itararé (figura 1). No topo da morro observa-se na porção leste, o rio Vacacaí-Mirim, e a barragem do Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS e na porção oeste uma visão exuberante de parte da cidade de Santa Maria.



**Figura 1** – Percurso da trilha na imagem do Google Earth (adaptado).  
Fonte: Acervo dos autores (novembro – 2010).

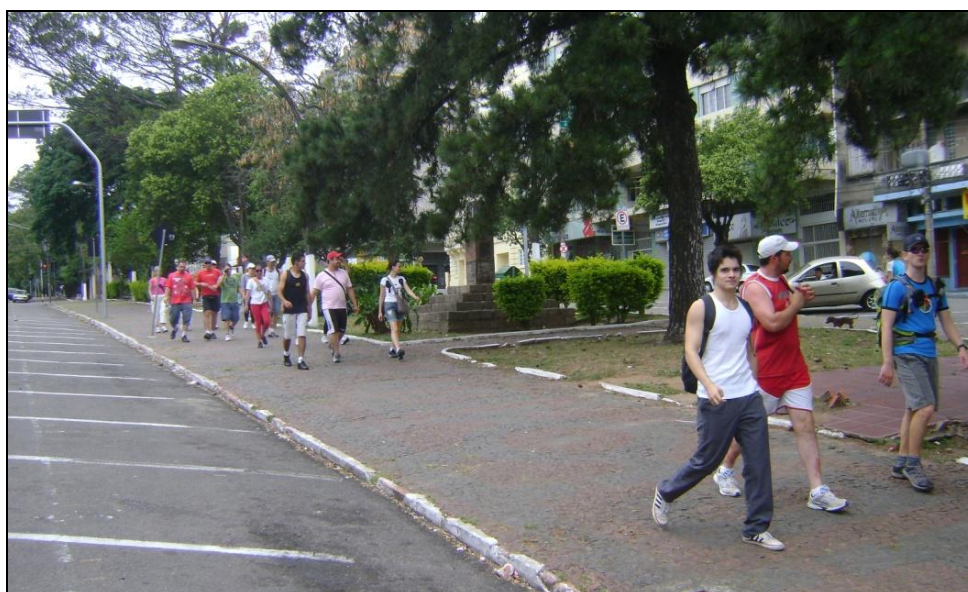
## Resultados e Discussão



O percurso urbano da trilha inicia no Calçadão Salvador Isaia (figura 2), localizado no centro da cidade de Santa Maria. Segue trajeto até a Avenida Rio Branco, (figura 3), reconhecida pela importância histórica no contexto econômico e social da cidade, especialmente na primeira metade do século XX. Naquele contexto, Santa Maria teve grande influência regional representada pela confluência ferroviária e comercial.



**Figura 2:** Ponto de saída, Calçadão Salvador Isaia, na área central da cidade de Santa Maria (RS).  
Fonte: Acervo dos autores (outubro - 2010)



**Figura 3:** Avenida Rio Branco, parte do Centro Histórico de Santa Maria.  
Fonte: Acervo dos autores (novembro-2010)

A trilha ainda percorre a Vila Belga (figura 4), considerada o primeiro conjunto habitacional do Estado do Rio Grande do Sul. Foi construído, no início do século XX, para alojar os técnicos em ferrovias oriundos da Bélgica que trabalhavam nas primeiras oficinas mecânicas da Rede Ferroviária Federal (RFFSA). A arquitetura belga influenciou na construção das habitações. Atualmente, o Plano Diretor da Cidade somente permite restaurações nessas residências se preservada a arquitetura de origem.



**Figura 4:** Vila Belga, primeiro conjunto habitacional do Estado do Rio Grande do Sul.  
Fonte: Acervo dos autores (novembro-2010)

Em direção ao bairro Itararé, o percurso da trilha segue sobre a ponte da Viação Férrea (figura 5), aspecto simbólico e histórico importante para o lugar e a paisagem do bairro Itararé.



**Figura 5:** Ponte sobre a Viação Férrea no bairro Itararé.  
Fonte: Acervo dos autores (novembro-2010)

O bairro Itararé é considerado o lugar mais representativo da história ferroviária de Santa Maria em decorrência da localização do terminal da ferrovia e da maior parte das

residências dos operários ligados à manutenção da ferrovia. O bairro abriga o monumento do ferroviário e, também é bastante representativo na religiosidade (figura 6).



**Figura 6:** Bairro Itararé (Santa Maria-RS), ao fundo a Igreja Santa Catarina.  
Fonte: Acervo dos autores (novembro-2010)

O percurso do Morro Cechella evidencia diferentes aspectos ligados a paisagem e ao lugar. A partir do morro pode-se observar os aspectos de uso e ocupação característicos do bairro Itararé (figura 7) e aspectos naturais, como vegetação, recursos hídricos (Barragem do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, DNOS, figura 8), bem como a ação antrópica, marcada pelas ocupações irregulares na encosta do Morro Cechella (figura 9). Nesse contexto, observa-se características da expansão e do crescimento urbano de boa parte da cidade de Santa Maria, na qual ocorre, segundo Bolfe (2003, p. 203) “o caráter monopólico da terra que é adquirida como investimento de poupança, mantendo lotes e imóveis urbanos e também, semi-urbanos sem áreas mais periféricas, à espera da valorização”.

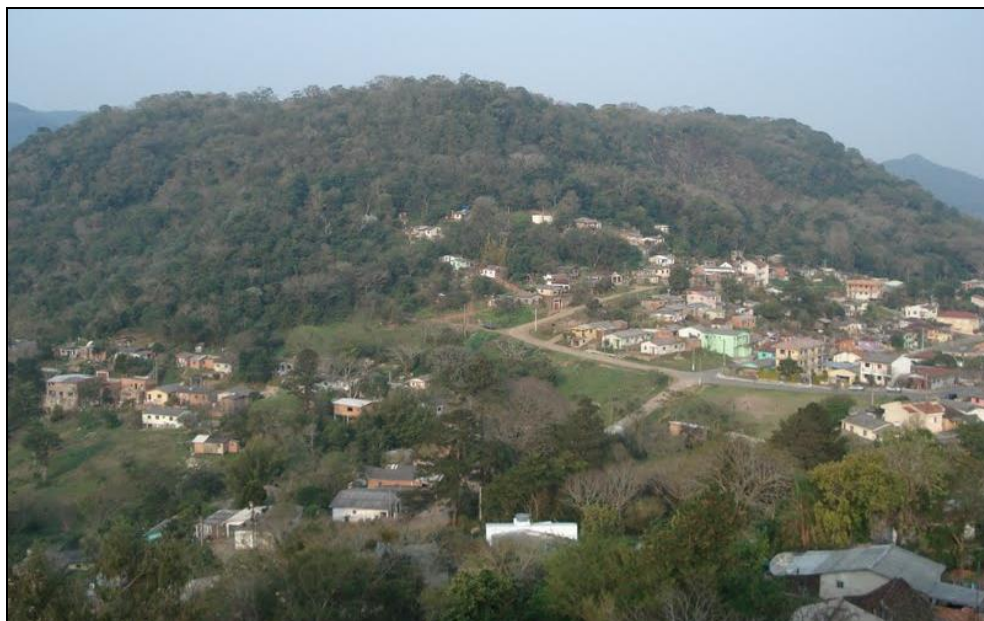




**Figura 7:** Vista do bairro Itararé, a partir do Morro Cechella.  
Fonte: Acervo dos autores (novembro-2010)



**Figura 8:** Vista parcial da Barragem do Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS.  
Fonte: Acervo dos autores (agosto-2010)



**Figura 9:** Ocupação desordenada sobre o Morro Cechella.  
Fonte: Acervo dos autores (novembro-2010)

Segundo Bolfe (2003, p.201) a localização é uma variável muito importante para determinar o valor do uso do solo urbano. Este é diferenciado, por exemplo, segundo a distância do centro e dos equipamentos e infra-estrutura urbanos, além disso, hoje se tem a questão da qualidade de vida ambiental, que também irão influenciar a escolha de áreas para a moradia.

Portanto, na medida em que o espaço urbano vai sendo ocupado, seja por edificações luxuosas nas áreas centrais, ou por moradias humildes da periferia, a invasão de espaços urbanos é um problema sobretudo social, que afligem todas as classes, assim transformando a paisagem geográfica e causando muitos problemas a sociedade.

Nesse aspecto, chama a atenção neste morro, a ocupação irregular e a segregação social e espacial, considerando o alto risco de deslizamentos que a encosta do morro pode causar, especialmente, em épocas de chuvas acentuadas na região de Santa Maria.

### **Considerações Finais**

Para De Masi (2000, p. 10) “o futuro pertence a quem souber libertar-se da ideia tradicional do trabalho como obrigação ou dever e for capaz de apostar numa mistura de atividades”. A sociedade pós-industrial requer, cada vez mais, propostas inovadoras e que ofereçam alternativas ao cotidiano do trabalho, que promovam atividades saudáveis e que estimulam a imaginação dos participantes. A prática da trilha oferece opções e alternativas

para aliar a Educação Ambiental como um processo colaborativo de aprender a cuidar da história e da natureza de um lugar. Aprender por meio do processo colaborativo, do diálogo e da vivência é uma dimensão eminente ao mundo de hoje. Para De Masi (2000, p. 23), com a vivência e o pensamento complexo, “não é apenas um fator da História que muda, mas é todo o paradigma que se altera”. Nesse sentido, foi pensado a trilha no Morro Cechella, em um viés geográfico, que visou desenvolver a percepção do lugar e da paisagem. A partir desse tipo de atividade, cada acadêmico levará em sua bagagem profissional uma excelente experiência, enquanto recurso prático da realidade geográfica, considerando um instrumento de eficaz compreensão da realidade geográfica para o ensino de Geografia.

### **Referências**

BOLFE, Sandra Ana. **Transformações do Espaço Urbano de Santa Maria RS e sua região: tendências e Condicionantes**. Universidade de São Paulo: USP. 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio ambiente e saúde**. Brasília: SEF/MEC, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio ambiente e saúde**. Brasília: SEF/MEC, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino**. Campinas: Caderno CEDES, 2005.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, CALLAI, Helena Copetti, KAERCHER, Nestor André (org.). **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre. Mediação, 2000.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, Helena Copetti Callai, Nestor André Kaercher (org.). **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.  
FLICK, Uwe. **Pesquisa qualitativa**. São Paulo: Bookman. 2009.

KLEIN, R. M. **Aspectos fitofisionômicos da floresta estacional na fralda da Serra Geral (RS)**. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA. Porto Alegre: 1983. Anais.

KÖPPEN, Wladimir. **Climatologia**. México: Fundo de Cultura Econômica. 1984.

MACIEL FILHO, C. L. **Carta Geotécnica de Santa Maria**. Santa Maria: Imprensa Universitária UFSM, 1990.

DE MASI, Domênico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante. 2000.

PEREIRA, P.R.B. et al. **Contribuição à geografia física do município de Santa Maria: unidades de paisagem**. *Geografia - Ensino & Pesquisa*, v. 3, p. 37–68, 1989.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond. 2002.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

Site consultado

**Clube Trekking Santa Maria – RS.** Disponível em:  
<http://www.clubetrekking.com.br/trilhas/>. Acessado em: 24/08/2010.